

# REVISTA DE TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL  
DE TURISMO, PROPAGANDA,  
VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE  
E LITERATURA □ □ □

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO VI  
II SERIE

5 DE SETEMBRO 1921  
N.º 111

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO  
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO  
EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 — TELEFONE 2337 CENTRAL

## O PATRIOTISMO LUZITANO

### E COMO SE MANIFESTA...

O artigo que, em primeira pagina, publicámos no anterior numero d'esta Revista, foi um amargo queixume do nosso sentimento ferido.

Não o fizémos simplesmente como um desabafo. Fizemol'o como um brado d'alarme, como um grito d'alma, d'uma alma que vivia ainda na ignorancia de que o mais pequeno vislumbre de dignidade patriótica, do decoro da propria individualidade, não fosse sufficiente para sobrepujar a massa estúpida que infelizmente reveste alguns habitantes d'este pobre Paiz.

Vimos coisas e outras nos contaram que dão uma qualidade característica aos seus responsaveis.

Responsaveis, nos parece que sejam os auctores das barbaridades e faltas de patriotismo, de senso, de criterio e de tudo o mais que pudemos constatar; mas, de facto, os responsaveis sômos nós todos; porque, por uma quasi inexplicavel condição, temos consentido e continuamos a tolerar a pratica e existencia dos maiores absurdos, das mais disparatadas idéas e das maiores iniquidades que é possivel conceber-se.

Calcule-se, por exemplo, um paiol de polvora, dentro d'esse formosissimo monumento que é o Castelo de Guimarães?

Certamente, ha quem julgue que isto é uma *blague*. Pois garantimos a sua existencia ali, por nos ter sido afirmado pela pessoa que nos mostrou esse lendario Castelo; o que aliaz foi facilmente confirmado pela presença d'uma força de soldados que lhe estavam de guarda e que outra missão n'ele não tinham.

Outra. Essa obra monumental do seculo XVIII que é o aqueduto construido para conducto das aguas destinadas ao Convento de Santa Clara, em Vila do Conde, foi cortado por ocasião da construção do caminho de ferro do Porto á Povoia, para dar livre seguimento a essa linha ferrea, como se esse minuscuro caminho de ferro não pudesse passar largamente por qualquer dos seus arcos!

Mais ainda. A conservação dos preciosos monumentos que constituem as mais ricas joias do nosso secular patrimonio deixa, na generalidade, muito a desejar. Para que, em alguns, não fossem cometidos actos do mais puro vandalismo, necessario se tornou dar-se-lhes a honrosa classificação de «monumento nacional» como se eles, por si proprios, na simplicidade austera do seu inimivavel valôr e do seu magestoso conjuncto, não se impu-



zessem a um verdadeiro culto e a um sincero respeito que muito dignificava quem assim procedesse.

Pois, não obstante aquela classificação de «monumento nacional» que, como aza protectora, foi beneficentemente aplicada a essas lidimas joias para as refugiar das arremetidas aviltantes dos iconoclastas, ainda assim, algumas partes dos seus complementos não puderam escapar ás iras das furias selvagens que d'alguma fórma quizeram estigmatizar a indole que tem predominado, de ha anos a esta parte, nas camadas neo-progressivas.

Afóra o rosario de sacrilégios cuja enumeração é difficil (porque apenas os recolhemos em a nossa memoria que, de resto, facilmente nos atraíçôa) vimos outras e edificantes coisas que nos conduziram a um immediato raciocinio: é que, sem o mais pequeno remorso, sem um unico vislumbre de pejo e n'uma incomprehensivel e pasmosa insensibilidade, procuramos a nossa desnacionalisação, como se a nossa qualidade de nascimento fosse um impecilho, um obstaculo insuperavel á satisfação de interesses, á compensação d'esforços, á remuneração d'idéas e de trabalhos.

O egoismo pessoal, muito proprio, muito

egoista, foi, por assim dizer, a phosphorencia que carregava os ambientes, n'uma atmospheria empregnada d'enygmata, de suspeições, de desconfianças, que por esse caminho fóra encontrámos.

Por outro lado, na mais admiravel das concepções paradoxaes, constatámos a mais pura inconsciencia, tão grande, tão manifesta, tão extraordinaria, que a sua razão de sêr só se explica como indispensavel para compensar o desequilibrio produzido pela força avassaladora. Não é um reagent, nem um campo de refração.

E', antes, o caminho facil para mais facilmente se chegar ao fim.

— E não ha remedio para este mal? — pergunta atonita a mais irreverente das abjeções — a opinião publica.

Havia, e ha — quando um dia se reconheça que as coisas devam regressar aos seus logares, e que então a sua guarda, conservação e exploração não podem passar sem uma fiscalisação directa, intelligente, autonoma e legal.

E' possivel, porém, que, quando em tal se pense, não haja já que conservar nem que explorar.

JOSÉ LISBOA

## A MAGNA QUESTÃO DO JOGO

### A NOSSA INTERVENÇÃO

**A** GORA, que mais uma vez se está debatendo a celeberrima questão do jogo d'azar, entendemos intervir no assumpto, não para reeditar as nossas já expostas e confirmadas considerações a tal respeito, mas simplesmente para arquivar nas columnas d'esta Revista o parecer expresso na sessão do Conselho de Turismo, de 19 de Janeiro de 1918, pelo vogal do mesmo Conselho Sr. Tavares de Mello, e que foi transcripto no Relatório da Repartição de Turismo relativo ao exercicio de 1917 e 1918.

Eil'ô:

«Não desconhecendo o que se pratica nas grandes capitais da Europa, quanto á não permissão do jogo de azar, defendi sempre por uma questão de ordem moral e ainda por coerencia com o meu modo de pensar, a repressão do jogo em Lisboa. Mas, convencido neste momento da impossibilidade de se conseguir tal repressão, que devia ser absoluta e completa, sou de opinião que o Governo devia tolerar o jogo, mas aproveitando essa grande fonte de receita a favor do desenvolvimento do turismo, usando ao mesmo tempo d'uma rigorosa fiscalisação, a fim de que, aos individuos que não



possuam rendimentos próprios, não seja permitido sujeitarem-se aos acasos da sorte.

Existindo actualmente em Lisboa vários clubs, instalados alguns em verdadeiros palácios, e outros em casas construídas propositadamente para esse fim, só nestes clubs devia ser permitido o jogo, pelas seguintes razões:

O grande interesse para o Estado, com a percentagem dada por esses clubs, ou por meio de verba fixa, estipulada mensalmente.

A vantagem da fiscalização rigorosa por parte do Governo para evitar a entrada n'esses clubs a menores, estudantes, empregados no commercio, operarios, empregados publicos, militares, emfim, a todas pessoas que não estivessem em condições de reconhecida garantia. Para o funcionamento de qualquer d'esses clubs seria necessario: possuirem todas as condições de conforto, hygiene e segurança publica; acharem-se legalmente constituídos, tornando responsáveis os seus corpos gerentes pela execução completa dos respectivos regulamentos e estatutos, principalmente nas disposições relativas á admissão dos socios, que possuiriam bilhetes de identidade, sendo as direcções obrigadas a enviar mensalmente ás autoridades competentes relações dos seus associados, com nomes empregos e moradas.

Dir-se há que é imoral permitir o jogo de azar em Lisboa, quando é certo que em nenhuma capital se joga; mas tambem é imoral o facto do Governo permitir um vicio punido pelos nos-Codigos. Parece-me ser menos imoral a existencia d'esses clubs de que seria a construcção de um grande casino destinado especialmente á exploração do jogo de azar, edificio esse que, pela sua grandiosidade artistica e luxuosa, atrahiria mais a atenção de toda a gente, do que os clubs, por mais elegantes e *chics* que tivessem as suas salas.

Calculando que o Conselho de Turismo está em desacordo com a regulamentação do jogo, lembra-me um alvitre que nos pode tirar de grandes embaraços de momento, e inclusivamente prestarmos um grande serviço ao Governo, e que é o seguinte:

O Conselho de Turismo, convencendo-se de que não é esta a melhor ocasião para se calcular quais as vantagens financeiras que do jogo podem advir para o Estado e, portanto, para o desenvolvimento do turismo; sendo de parecer que a melhor oportunidade será após a terminação da guerra, por meio de um concurso aberto para a sua exploração; sendo mais de parecer de que serão apresentadas várias propostas nacionaes e estrangeiras, conquanto o Governo tenha de dar a preferencia, em igualmente de circunstancias, á proposta apresentada por portugueses;

Considerando mais o Conselho de Turismo de que o numero de estrangeiros de visita a Portugal será extraordinariamente maior depois de terminada a guerra;

Considerando ainda que essa população flu-

otante é que frequentará, em maior numero, os clubs e casinos, e, portanto, fará aumentar consideravelmente as receitas do jogo;

Considerando tambem que, aumentando essas receitas, aumentará a percentagem a favor do Estado ou a verba estipulada mensalmente a cada club, sendo tambem para ponderar que o Governo na sua nota officiosa, publicada em todos os jornaes, já reconhece a existencia de clubs onde se joga, e a prova está no seu proposito de colecta-los, facto este que estabelece um principio de direito;

O Conselho de Turismo é de parecer que o jogo de azar deve ser tolerado em Lisboa, mas apenas nos clubs, premios ou agremiações que sejam classificados na primeira categoria, mas unicamente até á data da terminação da guerra, ocasião essa a mais oportuna para se abrir concurso para a sua exploração.

Parece-me que este alvitre é para ponderar, quanto é certo que, alem do lucro immediato que o Estado teria, não é para desprezar o facto de haver bastante tempo para se estudar e fazer executar um decreto com força de lei, que é da maxima importancia e da maior responsabilidade.

Julgo ser esta uma boa plataforma para o Conselho de Turismo ficar moralmente bem colocado, e tambem a maneira habil do Governo ser coerente com a referida nota officiosa já publicada. Assim, o Conselho de Turismo, estudando serenamente tam melindroso assunto, que não é facil resolver á primeira vista, terá o tempo necessario para dar ao Governo um parecer que o habilite a abrir concurso publico para a exploração do jogo de azar, ponderando ainda n'essa ocasião quais os inconvenientes, se eles existirem n'esse momento, em consentir o jogo em Portugal».

## ANTONIO BOTTO

O distincto poeta e nosso colaborador literario, sr. Antonio Botto, atendendo ás solicitações que lhe tem sido feitas, vae fazer uma reedição do seu interessante livro *Canções*, visto a primeira edição têr-se exgotado rapidamente.

A nova edição será porém ampliada por Antonio Botto com novos poemas e apreciações sobre a critica que mereceu a primeira edição das suas *Canções*.

Este nosso brilhante colaborador tem tambem concluida uma peça theatral em 3 actos, que produzirá a maior sensação quando se representar.





## EXCURSÃO AO ALGARVE

# IMPRESSÕES DE VIAGEM

### EM AYAMONTE

**R**ARO é o forasteiro que, tendo chegado ao limite sudeste do continente português, não sente desejos de atravessar o Guadiana e de ir saborear, na terra fronteira, as manifestações do espirito andaluz. Por isso, não quizemos fugir á regra geral.

Obtida a necessaria permissão para momentaneamente deixarmos o nosso paiz e podermos reentrar n'ele sem a menor objecção — o que, diga-se de passagem, não nos foi muito difficil, atenta, certamente, a nossa qualidade de jornalistas de turismo — embarcámos no primeiro barco que se fez de véla para o reino visinho.

A travessia levou uns vinte minutos, pouco mais ou menos, pois nem o vento nem a maré nos ajudaram a uma mais rapida viagem.

Fomos, porém, aproveitando o tempo para gozarmos as margens d'esse rio, que nos prendiam mais a atenção do que a algarviada, mesclada de espanholada, com que os outros passageiros do barco iam arrepiando os nossos timpanos.

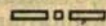
Até o ponto onde chegámos — de frente de Castro Marim, do lado da costa portuguesa, e de Ayamonte, na margem espanhola — notámos um aspecto bem mais sorridente e seductor da banda da nossa Terra. O que a nossa vista pode atingir apresentou-se sem possivel confronto. Para as bandas de Portugal, Guadiana acima,

notava-se o sorriso atrahente com que a nossa Terra recebe as caricias do Sol e os beijos da Lua. Se bem que ali a flora não tenha a exuberante luxuria dos prados minhotos, ela mostra-se, embora de espaços a espaços, ao longo do rio, garrida nos meios tons da sua coloração, dando assim um aspecto de leveza na asperidade do panorama, carregado do lado de Espanha pela negrura irritante da sua terra escavada.

Abordámos a Ayamonte depois de termos passado pela canhoneira espanhola «Delfim», que então ali estava exercendo as funções de policia do porto e de representante militar da sua nação na defeza das costas banhadas pelo nosso rio; e constatámos, com magua, que a nossa representação naval, justamente necessaria ali por todos os motivos, primava pela sua ausencia.

Lembra-nos, porem, que ao atravessarmos o Tejo, quando nos dirigiamos para o Algarve, estavam amarradas ás respectivas boias muitos navios de guerra, um dos quaes facilmente poderia exercer a nossa suzerania com ancoradouro em frente de Vila Real de Santo Antonio.

— Mas... adeante.



Entrámos em Ayamonte sem a menor



dificuldade, tal é o habito em que os espanhóes estão de nos receber constantemente por aquela sua porta, com a sua mais delicada galhardia. Dois *carabineros* que se achavam postados no caes — verdadeiros tipos de zarzuela — saudaram-nos cortezmente, fazendo-nos a contiuencia, que acompanharam da sacramental frase *muy-buenas*. Indicaram-nos o caminho a seguir e deixaram-nos tranquilamente.

Uma vez em terras de Andaluzia, o nosso Secretario sentiu como que a manifestação do contacto da sua vigessima quinta costela que é andaluzia, com o ambiente, e eil' o quasi a dançar *el tango por las calles de Ayamonte*.

O nosso Chefe de Propaganda, mais papista (em questões de previsão) do que o proprio Padre Santo, tratou de acariciar um cicero que já arranjára durante a travessia do Guadiana, para facilmente encontrarmos, antes de tudo e primeiro do que coisa alguma, onde pudessemos confortar os nossos estómagos, já então um tanto arrelia-dos em esperar o seu natural conchego.

Atravessadas *unas calles*, que examinámos muito superficialmente, não tardou que entrassemos n'um pequeno jardim á beira d'um afluente do Guadiana, onde, junto d'uma *fonda*, se achava um rapaz *ancho*, novo ainda, mas de maneiras um tanto polidas. *Manolo* o tinham alcunhado; e, de facto, essa alcunha condizia com o seu caracter de bohemio.

Feitas as apresentações pelo cicero, o nosso Secretario, como eximio polyglota que é, exprimiu logo, na lingua de Cervantes, o desejo que n'essa ocasião mais nos apoquentava, e *Mano-*

*lo*, embora de abundantes tecidos adiposos, desenvolveu, com uma graciosa celeridade, a sua ação de bom dono de restaurante.

Minutos depois, estávamos sentados a uma meza atrahefne, posta sobre uma alva toalha, onde as eguarias d'um apetitoso «*hors d'œuvre*» se espalhavam em artistica mistura com os complementos mastigaveis d'um succulento almoço.

— E, de facto, o almoço foi succulento, saboroso e substancial, regado com um precioso vinho de «*Bodegas*».



Uma figueira em Ayamonte

Terminado o repasto, fomos visitar a Vila, que de longe—do outro lado do rio — nos tinha dado uma impressão de aceio e de alegria pela sua disposição em amphitheatro, onde as casitas muito pintadas de branco, punham uma nota de qualquer coisa interessante.

A importancia de Ayamonte é relativa—é, por assim dizer, uma vila de segunda ordem.

Todavia, os seus arruamentos são mais bem delineados do que em Vila Real; tem todos o pavimento calçados

em pedra, havendo até a «*Calle Colombo*» cujo pavimento é de asfalto.

Esta ultima é a rua principal da vila, e por isso n'ela estão instalados os mais importantes estabelecimentos, taes como lojas de fazendas e de quinquilherias, ourivesarias, a séde d'um banco que se acha posta com relativo luxo n'um edificio de bom aspecto. Ha, tambem, uma avenida marginal, onde se encontram o mercado e o jardim, cuja beleza deixa muito a desejar.

Emfim, na visita que fizemos a toda a



pequena vila — que se percorre em uma hora — não nos deixou má impressão, quanto ao conjunto geral; parecendo, porém, que a sua vida é pouco intensa devido, em especial, á pouca energia dos seus dois a tres mil habitantes indigenas.

Á roda da vila, a vegetação é escassa, notando-se, porém, algumas figueiras d'aspecto original.

Uma d'elas, figura na gravura que inserimos, por onde se pode avaliar a sua originalidade. Para termo de comparação... aparece no meio d'essa figueira, que estava colocada junto de um poço, o nosso Secretario, com o ar andaluz que lhe emprestou a sua vigessima quinta costela...

A. L.

## NO DOMINIO DOS MARES

# MARINHA DE TURISMO

INICIOU-SE a luta economica como natural sequencia da guerra. E esta, agora, como previmos n'um artigo ha tempo publicado n'esta Revista, tende a maior esforço, a um mais renhido combate, a uma maior demonstração de vitalidade. Ha, porem, entre as duas grandes guerras, uma simples diferença, mesmo uma pequena diferença... é que, na primeira, as armas eram para matar; na segunda, os meios são para viver. De resto o fim é o mesmo — vencer.

Nas idéas é que ha, tambem, uma derivante. Ao passo que para a grande luta de fogo os espiritos, n'uma avidéz insaciavel, procuravam achar as mais terrificantes e mortíferas peças de fogo, os mais extrardinarios e quasi inconcebíveis recursos para dominarem os adversarios, — na luta pela vida — que é a grande guerra que ora se está desenvolvendo — a sciencia e a intelligencia são chamadas a produzir o maximo do seu esforço, a melhor das suas concepções para, pela atração do maior número de estrangeiros e pela melhor quantidade da produção propria, vencer-se a concurrencia alheia.

E' assim, sob esta unica idéa, que se estão fazendo prodigios para conquistar as sympathias extranhas, para atrahir, para captivar principalmente aqueles que constituem o melhor factor d'importação e o melhor valôr do trafego.

E' o caso entre a França e os americanos — «*nos bons amis*», como lhes chamam agora os francezes, depois que eles os ajudaram a vencer a grande guerra e que esta foi para a America uma mina d'ouro.

— *A bon entendeur, salut...*

Ora, uma das industrias que mais vem sentindo os beneficios da actual situação, é a dos transportes maritimos. Assim é que a França, em materia de marinha de turismo, estava antes da guerra, n'uma inferior situação; servindo-se, quasi por assim dizer, dos grandes paquetes inglezes e alemães que lhe transportavam

de New York para o Havre os americanos que vinham a Paris gozar o desperdicio do seu dinheiro nos mil e um divertimentos com que as *francezinhas* os atrahiam.

Porem, passada a guerra, a França victoriosa d'essa hecatombe em que ia quasi submergindo-se, não podia deixar de se emancipar da autocracia alemã e do egoismo inglez, ambas á disputa absorvendo-lhe o mais que podiam dos seus ricos americanos. Por isso, preparou-se e eis que começa fazendo prodigios na sua marinha mercante, construindo vapores enormes, verdadeiras cidades fluctuantes, cheias de luxo, de conforto e de beleza, para, n'uma rapida travessia do Atlantico, transportar ao Havre os mais estimados, queridos e apreciados componentes da massa cosmopólita que é a maior população da grande capital europeia — os seus americanos.

A «Paris» cidade terrestre, acaba de tær um competidor; todavia valioso auxiliar: — é o «Paris» cidade fluctuante, que acaba de iniciar a sua primeira viagem para a America no meio do mais fremente entusiasmo e da mais sugestiva alegria.

Este soberbo paquete-correio, que representa a ultima palavra da engenharia naval de construcções, foi mandado fazer pela Companhia Transatlantica para a viagem rapida entre os dois continentes, a fim de que em pouco tempo possa inundar a «Paris» capital com tantos ou mais americanos — se possivel fôr — que ela conteve, adentro do seus muros, nos horrosos tempos da incerteza.

— E se, então, o «dollar» já imperava em França com todo o poder do seu valor, hoje imperará *davantagê* com o valôr da sua fascinação.

— **—**  
A França tambem restabeleceu as suas an-



tigas carreiras de vapores rapidos e luxuosos para a America do Sul, que é outra fonte inextinguível de exploração de turistas.

Por seu lado, a Belgica está organizando uma grande marinha de commercio, incluindo n'ela os grandes vapores—verdadeiras cidades flutuantes para a condução de turistas.

A Holanda igualmente procura desenvolver as suas relações commerciaes com os meios proprios, contando-se já como um importante factor de concurrencia. Assim ela mantém uma poderosa e regular carreira de vapores grandes, commodos e rapidos, porfiando em atrahir os novos ricos da America do Sul, e taubem, os do Oriente.

E já que estamos na referencia do desenvolvimento maritimo, não podemos deixar de citar

a Inglaterra, que — alem de renovar as suas antigas carreiras e de estar procedendo a gigantescas construcções para o transporte especial de viajantes endinheirados — pensa açambarcar todo o movimento maritimo dos turistas mundiaes pelos grandes vapores que já possuia para esse fim, e por outros ainda maiores, mais rapidos e commodos que para o mesmo efeito estão sendo já construidos.

Resta saber o que fará a Alemanha.

— E nós, os portuguezes?

Ficaremos, como sempre, á mercê dos outros, gozando o extraordinario espectaculo de vêr os nossos turistas irem, . . . levados para os outros que lhes comem a pele e, por cima, ainda lhes roem os ossos. . .

## CARTAS DE LONGE

### CHRONICAS D'UM

### TURISTA SENTIMENTAL

MEU CARO RUY

Vou proseguir na descripção que me propuz fazer na minha anterior carta, em que umas leves gralhas puzeram o realce do seu espirito quezilento.

Foi para que as minhas idéas tivessem um maior relêvo. . .

Não julgues, por te haver dito que, agora, as minhas forças se debilitam ao contacto com o puro ar da montanha, (o que outr'ora não sucedia) que estou vivendo no meio do ruido estúpido d'alguma cidade. Não. Vivo até em sitio bem afastado; n'um canto d'um arrabalde d'ideal poesia; mas saboreio uma vida simples, pautada, sem revoluções, nem commoções.

D'ahi a razão porque as montanhas, com toda a agitação que me produziram os seus encantos, os seus aspectos emotivos, as suas scintilações comoventes, me causariam, em suposição, a debilidade que receiava para o meu organismo.

Felizmente, não succedeu assim; antes

me sobreveiu um inesperado revigoramento d'esse banho salutar em que mergulhei o espirito e onde deixei o tédio, depois de ter sacudido o pó d'esta alma, já cansada e dominada crimosamente pela apathia dos sentidos que, luctando entre si, me escravizam a uma situação — por vezes d'intraduzivel aborrecimento.

Como preambulo ao que me propuz dizer, creio sêr já sufficiente o que escrevi, sem outro intuito mais do que preparar-te para o desenrolar da fita impressionada no meu espirito.

Começo, pois, por te referir todos os episodios desde o inicio da viagem, que foi feita em condições de sugestivo entusiasmo. A idéa de te ir vêr, a alegria do companheiro e a satisfação d'encontrarmos um outro querido amigo, o Eduardo de S. . . , que dispoz as suas coisas para regressar ao Porto em nossa companhia, tudo emfim me predispoz favoravelmente o espirito para suportar a longada que nos separa e que o comboio tinha de vencer em perto de doze horas.

Lá fômos. O primeiro dos três comboios



que n'essa noite largaram da estação do Rocio, conduziu-nos em um compartimento onde, de todo, não se foi mal.

Mais uns dois ou três companheiros que a breve trecho nos deixaram e uma senhora idosa, portugueza, mas que para nos distrahir, conversava em francez com o sobrinho, enquanto ambos foram acordados, constituíam o resto da povoação d'esse compartimento.

Nada de interessante se passou enquanto levámos os sentidos em vigilancia, o que não foi por muito tempo. Passados que fomos o Entroncamento, deixámo-nos esmaiecer ao contacto das doces caricias de Morfeu, que nos tomou á sua mystica guarda, até que de nós se aborreceu e evolou-se ahi pelas alturas da poetica Granja.

Creio porém que o Morfeu, envergonhado da partida que nos fez e receioso de nos ter feito cahir em demasiada insensibilidade, nos abalou, então, fortemente, para que a nós volvessemos, e fugiu em direção do mar no intuito de n'ele se banhar, fazendo ali esconder a garotice do seu sorriso e retemperando o hymen com que nos teve hypnotisados durante tanto tempo.

Julgo que se divertiu da mesma forma com outros passageiros do comboio.

Emfim, deixou-nos e nós acordámos, admirados da distancia que venceramos sem dar por tal.

Dentro em pouco a nossa chegada a Gaya era anunciada por aquele ar humido, mixto das emanções do Douro rio, e do Douro nectar, preciosamente contido no vasilhame que é a guarda avançada do réclame ao proprio producto.

Ahi, o Eduardo, embuçado na sua elegante peliça de capitão de cavaleiros, deixou-nos, envolto n'aquele ar misterioso que, em geral, a Natureza empresta aos brigadeiros acordados pela neblina matinal.

Vimol'o partir, mais saudosos da sua indiferença do que indiferentes á sua partida.

Depois, o prolongado silvo da maquina comunicou-nos o aviso de largada do comboio para a cidade da Virgem.

E o comboio poz-se em movimento, condusindo-nos atravez essa monumental ponte sobre o Douro, fazendo-nos depois desembarcar em Campanhã.

O resto lerás na proxima carta.

MARIO DE MONT'ALVÃO.

## O ANIVERSARIO DA REVISTA DE TURISMO

A proposito do 5.º aniversario da *Revista de Turismo*, os nossos prezados colegas *Jornal d'Abrantes*, *O Barcelense* e o *Jornal d'Extremoz* referiram-se nos em termos que muito nos penhoraram, pelo que aqui lhes consignamos a expressão do nosso indelevel reconhecimento.

## CAPAS PARA ENCADERNAR

### A REVISTA DE TURISMO

Em a nossa Administração **Largo Bordalo Pinheiro, 28**, acham-se á venda as capas que especialmente mandámos fazer para encadernação dos numeros relativos ao 5.º ano da **REVISTA DE TURISMO**, pelo preço de Esc. 2\$50 cada capa.

Tambem nos encarregamos da respectiva encadernação mediante o pagamento de \$80.

Para a provincia acresce o porte do correio.

## REVISTA DE TURISMO

LARGO BORDALO PINHEIRO, 28

### ASSIGNATURA

PORTUGAL (Cont.)—Semestre.....	Esc. 1\$50
Ano.....	Esc. 3\$00
COLONIAS—Ano.....	Esc. 5\$00
EXTRANGEIRO—Ano.....	Esc. 6\$00

Numero avulso \$30 (300 réis)



## ARTE E LITERATURA

## LA BUENA CANCIÓN

DE PAUL VERLAINE

*Titila el bosque  
de luna lleno ;  
de cada ramo  
parte un gorjeo  
so la enramada . . .*

*Oh, bien amada.*

*Copia el estanque,  
profundo espejo,  
la silueta  
del sauce negro  
do el aire llora . . .*

*Sueña, es la hora.*

*Un tenue, dulce,  
vasto sosiego,  
bajar parece  
del firmamento  
que el astro irisa . . .*

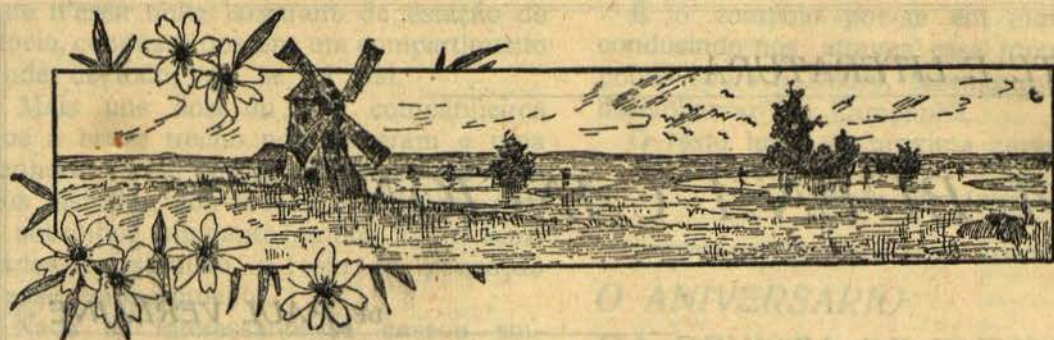
*Hora inefable,  
de amable brisa.*

Traducción de

FERNANDO MARTINEZ-SEGURA

1921





## PRAIAS PORTUGUEZAS

### VILA DO CONDE

**H**A dois anos, uma visita que fizemos á linda estancia balnear de Vila do Conde, deu-nos ensejo a publicar, n'esta Revista, uma descripção da sua historica situação, belezas e motivos que a atrahiam, então, á admiração de naturaes e estrangeiros, como um dos pontos mais interessantes de turismo em Portugal.

Fizemos acompanhar essas nossas impressões de algumas gravuras dos seus aspectos, porém em numero incompleto para a sua grande e interessante diversidade.

Vila do Conde era, n'essa epocha, uma estancia, por assim dizer, abandonada á sua propria vida, simplesmente oferecendo ás exigencias do visitante, além dos motivos da historia portugueza em que representa uma boa pagina, pouco mais do que as suas riquezas naturaes.

A sua classificação como simples ponto de turismo, justificava-se então.

De ha dois anos para cá, porém, os seus progressos teem sido tão sensiveis e notaveis que, além de o constarmos com o maior agrado, não podêmos deixar de lhes fazer uma muito especial referencia.

Teve Vila do Conde a felicidade de haver alguém que se lembrasse do seu muito valôr, já pela sua esplendida situação, quer pelas suas abundantes riquezas, e que, sob o pensamento de se valorisar

essa esquecida joia, se propuzesse a constituição d'uma empresa para a tornar uma das mais deliciosas estancias climatericas do nosso paiz, para lhe dar sêr, alma, vida, graça e alegria.

Essa empresa foi a *Sociedade Propaganda da Praia de Vila do Conde*, que não tendo podido, pela grandeza do empreendimento que se tinha imposto, levar a sua obra aos resultados auspiciosos que se apresentavam, se fundiu depois na actual *Companhia Portugueza de Turismo*, cujo objectivo, não só no que respeita a Vila do Conde, mas — d'uma forma geral, — a outros e diversos melhoramentos que interessam o turismo, é, para o interesse nacional, da mais incontestada valia.

Essa Companhia, adoptando os planos já estudados e aprovados e alargando o programa que tinha sido primitivamente projectado pela Sociedade Propaganda da Praia, acaba de dar um grande impulso ás obras que tinham sido iniciadas para transformação do antigo logar de turismo n'uma captivante estancia climaterica, sem, porém, lhe tirar nada do seu caracteristico, da sua historica antiguidade e das belezas nativas que ela encerra. Apenas e com escrupuloso criterio, trata de explorar a parte que estava, por assim dizer, sem utilização, isto é — a banda da vila chamada a «praia», onde havia, se tanto, uma



meia duzia de casas, um hotel mau, um jardim maltratado, um pessimo caminho para a praia e pouco mais.

Assim, sob o influxo patriótico dos seus mais activos membros, a Companhia Portugueza de Turismo adquiriu o Hotel velho e mandou levantar um Palace-Hotel; edificou um belo casino; abriu um amplo café, com serviço de restaurante; instalou uma comoda barbearia; construiu uma ampla garage; arranjou um balneario; emfim, em menos de dois anos conseguiu dar uma feição nova, alegre, de

Justo é, igualmente mencionar o concurso prestado pela respectiva camara municipal, para o bom exito do pensamento empreendido com o maior entusiasmo.

Como premio e incitamento á continuação da sua bela e patriótica obra a *Revista de Turismo* não pode deixar de a registar com especial relêvo; cumprindo-lhe, tambem, para boa elucidação do publico, uma mais minuciosa descripção do que ela hoje já representa.

Começamos, pois, pelo Palace Hotel, que é, incontestavelmente, um dos raros



VILA DO CONDE - PALACE HOTEL - Propriedade da Companhia Portugueza de Turismo

vida atrahente a essa parte da excelente praia què, desprezada, sem o interesse patriótico de que ela tanto carecia, se sumiria estupidamente sem proveito para ninguem e com enorme prejuizo de todos.

São dignos, pois, do maior reconhecimento nacional os homens que se abalançaram a essa ousada empreza, esses bons portuguezes que constituem actualmente a administração da Companhia e que são os Srs.: Dr. Alberto Thomaz David, Antonio Teixeira da Silva Amarante, José da Fonseca Menéres e Luiz Ferreira Alves.

bons hotéis que se encontram em as nossas provincias.

Como se vê da nossa gravura, esse edificio que é o resultado feliz d'uma reconstrução do antigo hotel Central, tem o aspecto ridente d'um solar minhoto. A sua alegre apparencia, que causa logo boa disposição, traduz perfeitamente bem o interior d'essa vasta edificação.

A entrada faz-se, sob um alpendre, por um pequeno terraço inferior ao andar nobre, dando acesso ao vestibulo, grande e elegante, onde duas palmeiras, bem



tratadas e verdejantes, amenizam o ambiente.

Do fundo, parte uma bem lançada e larga escada, tapetada, que conduz aos andares superiores.

Um bufete, uma montra com tabacos e uma exposição de postaes do sitio e suas belezas, compõem o mobiliario d'esse vestibulo, que é ladeado por duas amplas e iluminadas salas sobriamente mobiladas: a de visitas e em face a de musica e fumo. Esta ultima dá tambem acesso a um enorme salão, cheio de sol e de alegria, onde em uma enorme profusão de pequenas bancas, são servidas as refeições aos hospedes.

Este salão de refeições, não tem possível comparação em nenhum hotel da provincia, pela sua vastidão, pela sua comodidade e pela sua esthetica. As paredes são guarnecidas d'um lambris d'azulejo; o seu mobiliario é genuinamente portuguez, em madeira de carvalho do norte, claro, o que lhe dá um tom de suave alegria e de boa satisfação para a alma, o que é indispensavel para quem não come só com a boca.

O serviço de meza é irreprehensivel, tendo para isso um grupo de creados de agradável porte,olicitos, atenciosos e conhecedores do seu difficil officio.

Todos os quartos, maiores ou mais pequenos, no rez-do-chão e nos dois andares, são bem arejados e iluminados e mobilados a branco, com conforto, produzindo uma agradável impressão ao visitante. Todos teem encanamento de agua, fria e quente, e os seus indispensaveis accessorios.

Tem em abundancia bons quartos de banhos igualmente com canalisação de aguas quente e fria, assim como diversos W. C.

Em qualquer dos dois andares superiores, ha uns pequenos «halls» servidos por luz directa e ladeados de confortaveis assentos.

Tem uma boa cosinha, provida dos necessarios complementos, como dispensas, copo, garrafeiras, tudo sob o mais rigoroso aceio e completo arranjo.

Ha tambem o escriptorio, sala de engo-

mados e outros arranjos indispensaveis a um completo estabelecimento d'este genero.

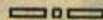
Anexo possui uma ampla garage, com compartimentos especiaes para recolha de carros isolados e installação para chauffeurs.

Logo que este anexo esteja definitivamente acabado, oferecerá as maiores comodidades, pois, além d'um poço central para reparações na parte inferior dos carros, terá tambem uma pequena officina destinadã a esse fim.

Todo o hotel é iluminado a luz electrica assim como as suas dependencias.

Este magestoso estabelecimento acha-se sob a proficientissima direção do habilissimo hoteleiro sr. Alfredo Wissmann, d'essa pleiade bem conhecida de ha longos anos em Portugal e que tão importantes serviços tem prestado á industria da hotelaria portugueza.

Alfredo Wissmann dedica todos os seusolicitos cuidados a esse modelar estabelecimento que progride e que se pode considerar uma honra para o nosso paiz, pelo que o recomendamos com interesse.

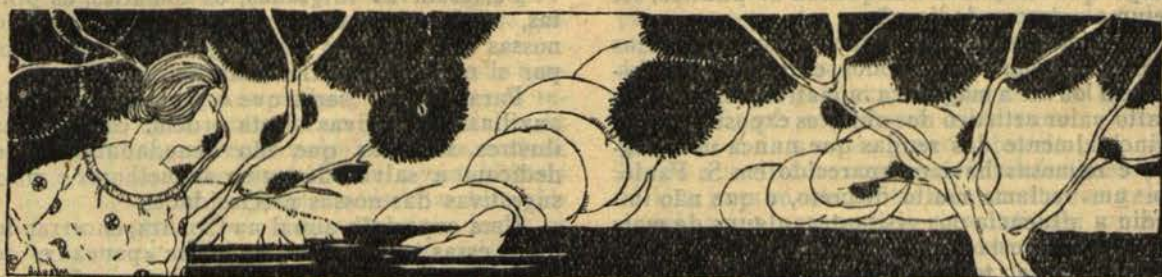


Para darmos logar a outros assumptos que tambem merecem a nossa especial atençaõ, deixamos para o proximo numero a continuacão das nossas impressões sobre os importantes melhoramentos de Vila do Conde, onde actualmente uma selecta e elegante sociedade está saboreando com intensa satisfacão, as delicias que essa bela praia oferece e que tambem nos sensibilisaram agradavelmente.

J. L.







## Exposição d'arte regional Portuguesa

NO BRAZIL

TENDO só agora sido publicado o Relatório elaborado pelo Sr. A. J. Machado referente á exposição d'Arte Regional Portuguesa que se realisou, em novembro de 1918, nos salões da Camara Portuguesa de Comercio de S. Paulo, vamos transcrever d'esse documento os periodos que mais interesse oferecem.

Em 29 de novembro de 1917 tive eu a honra de evocar, n'uma ligeira palestra, pronunciada no Conservatorio Dramatico e Musical de S. Paulo, a pequena arte portuguesa, inspirada e sugestiva do nosso povo, toda feita desse grande carinho rustico e semi-pagão em que maravilhosamente se cristalisaram orientações étnicas diversas e se fixaram tipos inconfundiveis de autentica e verdadeira plastica. Muito pela rama falei do vestuário tradicional da mulher portuguesa, dos adornos de ouro, das filigramas e esmaltes, dos bordados e rendas, dos lenços e olarias, dos arreios dos animaes domesticos, das candeias, de muitas outras coisas simples e belas da nossa gente e da nossa terra em que a evocação por si mesmo despertava interesse e impunha a emoção, sobretudo sincera, naqueles que vivem da saudade.

Longe estava eu de supôr que essa palestra, pela força das circunstancias tão resumida, e por minha incompetencia tão imperfeita, viesse a provocar na Camara de Comercio de S. Paulo uma das mais lindas exposições que jámais nela se terá aberto ao publico. A mim foi, entretanto, e terá sido essa uma das mais puras alegrias compensadoras do meu esforço.

Houve uma escritora illustre que teve a gentileza de lêr essas páginas desprezenciosas e para elas chamar a atenção de outras duas senhoras que dedicaram a sua actividade inteligente ao resurgimento da arte tradicional portuguesa:

Foi a Sr. D. Ana de Castro Osorio e as duas patricias distintas foram as Sr.<sup>as</sup> D. Adelaide de Almeida e Claudina Franco dos Santos.

Em 7 de agosto de 1918 estas duas senhoras, pela primeira vez, dirigiram-se a esta Camara remetendo alguns recortes de jornais por onde facilmente se podia apreciar o alcance da sua obra. Daí seguiu-se uma troca de correspondencia variada, chegando-se á decisão de se abrir aqui uma exposição dos artigos tão carinhosamente coligidos pelas dignas proprietarias da empreza «Arte no Lar». Para isso foram combinados todos os passos a dar e pediu-se a valiosa interferencia do Sr. Decio Carneiro, secretário permanente da Associação Commercial de Lisboa que de boa vontade prestou os mais apreciáveis serviços na organização e despacho dos objectos destinados a ser expostos.

Em 11 de agosto, finalmente, foi recebida a comunicação de terem sido despachadas sete caixas, contendo os mostruários, a bordo dos vapores *Belle Isle* e *Drechterland*.

Os objectos enviados constavam de tapetes e carpetes de Traz-os-Montes, bordados de Viana do Castelo, crivos e bordados de Guimarães, toalhas e «naperons» de rendas portuguesas, bordados da Madeira, applicações de rendas, lenços de Alcobaca, calendarios portugueses, capas de livros, artigos de esparto do Algarve, cestas da Beira, faianças de Campolide, barrinhos das Caldas, adaptações em estopa, algibeiras de Viana, factos á lavradeira, albuns de cantigas, postais illustrados e outras pequenas coisas de inestimavel valor artistico, sobretudo pela sua procedencia e pela sua encantadora simplicidade.

Na ultima quinzena de novembro, depois de alguns dias empregados na boa disposição e arranjo das delicadas mercadorias, abriu-se a exposição que ficou entregue aos cuidados do Sr. Victor Leite Mamede que, durante todo o



tempo que ela esteve franqueada ao publico, foi de uma extrema dedicação.

Nos jornaes fizeram-se pequenas referencias a este certamen, sendo todos, entretanto, unanimes em louvar a magnifica iniciativa, salientando o alto valor artistico dos objectos expostos, muito principalmente das rendas que nunca mais lindas e mimosas haviam apparecido em S. Paulo. Foi um reclame muito discreto, o que não impediu a affluencia dos visitantes, alguns da mais elevada categoria social da Cidade.

Uma coisa, todavia, compete aqui notar: é que os mais entusiasticos admiradores da exposição foram estrangeiros: franceses, norte-americanos, ingleses e brasileiros, embora muitos dos nossos compatricos viessem não só adquirir objectos, mas tambem retemperar a alma do banho lustral das belezas da sua terra.

Durou 15 dias a exposição sempre visitada com interesse. A obra de propaganda foi das mais valiosas.

Em resumo a exposição constituiu um successo que poderia ser ainda mais completo se houvesse maior variedade na escolha e se se pensasse mais no caracter cosmopolita que domina mais e mais em S. Paulo.

Faltaram as filigranas, os esmaltes, as pratas, as faianças artisticas e outras coisas tão nossas que possuem um integral valor artistico, por si mesmo commercialmente recomendavel.

Para desejar seria que o governo português auxiliasse tentativas d'esta ordem, como a das illustres senhoras que tão denodadamente se dedicam a salvar da ruina as melhores e mais sugestivas das nossas preciosidades.

Uma exposição anual na Camara, encerrando todas essas belas coisas, inclusive «paneaux» de azulejos, por exemplo, — mas uma exposição em grande — seria de resultados mais que seguros e muito contribuiria para o resurgimento e desenvolvimento da arte portugueza.

.....  
Como quer que seja, a tentativa das Ex.<sup>mas</sup> Sr.<sup>as</sup> D. Adelaide de Almeida & C.<sup>a</sup> é merecedora dos mais rasgados elogios e ficará memoravel nos annos d'esta Camara. Bem hajam as distintas inteligentes e ousadas compatricias.

O Secretario

(a) A. J. MACHADO.

## PROPAGANDA DE PORTUGAL

### A INICIATIVA PARTICULAR

*Em a nossa recente visita á Empresa Technica Publicitaria Film Grafica Caldevilla, com séde no Porto, foi-nos entregue pelo seu Director Technico, sr. Raul de Caldevilla, copia do requerimento que dirigiu ao Presidente da Camara dos Deputados e que a seguir transcrevemos.*

*Como este é um documento extenso, ao assunto nos referiremos no proximo numero.*

EX.<sup>mo</sup> SNR. PRESIDENTE DA CAMARA DOS SENHORES DEPUTADOS

Um dos mais altos meritos de Luiz de Camões, é o acendrado patriotismo com que pretendeu, por meio das sublimes estrofes dos Lusíadas, espalhar por toda a parte as glorias da Nação Portuguesa, pelo louvor dos seus heroes, dos seus martyres; pela noticia e descripção das belezas e dons naturaes com que a Providencia, com mãos profuzas, a dotou; mas este sublime intento nunca podia ter mais exito do que o circunscrito ao estreito circulo dos que falam as linguas portugueza e castelhana e, entre estes, ainda, a muito poucos dos que já em reduzido numero, não são analfabetos.

Decahido do elevado conceito internacional de que usufruiu no decimo setimo seculo, o conhecimento das glorias, das excellencias e das altas qualidades civilisadoras que profundamente caracterisaram a Nação Portuguesa, tem-se ido obliterando na memoria dos homens a ponto de, facto por mim dolorosamente constatado, até a nossa existencia como nação autonoma ser desconhecida, sendo nós, os portuguezes, qualificados de espanhoes pelos mais cultos paizes da Europa e havidos como brasileiros na America do Norte na America Central e na Costa do Pacifico desde Sandy Point a Guatemala!

Os recentes feitos d'armas praticados pelo nosso esforçado exercito nos campos de batalha da Flandres e no sul de Angola, vieram chamar um tanto as atenções do mundo civilizado para um povo que se ia anulando no anonymato da sua indolencia; e, se alguma azada occasião existe para fazer reviver, na memoria do mundo, o respeito que é devido ao decano dos paizes independentes da Europa e da America é, precisamente, este em que ainda se não calaram de todo, nas quebradas dos montes dos teatros da guerra, os echos da voz com que pela boca estridula e fu-



megantes dos seus canhões, o velho Portugal apre-gou ao mundo inteiro que inda não é uma nação moribunda.

Difundir, espalhar por toda a parte, não cantando, como o grande épico português, mas reproduzindo pelo «film» as mil modalidades da vida portuguesa fazendo palpitar, sentir, reviver, emfim, as grandes epopeias da nossa historia tragico-maritima, as formidaveis lutas travadas com os homens e os elementos para levar os principios da nossa fé e da nossa civilização desde este canto do occidente europeu até os mais remotos confins do extremo oriente; divulgar as nossas preciosidades literarias; fazer desejar ao paladar já embotado do turista as peregrinas belezas da paisagem nacional, o inédito do nosso regionalismo, o artistico da velha indumentaria; a severidade ou a delicadeza dos nossos originalísimos monumentos; a suave beleza das nossas mulheres, o pitoresco dos usos tradicionaes típicos; a movimentação e forma tão característica da nossa vida agricola, piscatoria, industrial e citadina, será pôr em prosa chã mas eloquente ao alcance de todas as intelligencias e da comprehensão de todas as linguas. completas e actualisadas, as inspiradas estrofes do poema de Camões.

A realização de tal empresa será pois, alem de uma obra eminentemente patriótica, a mais poderosa e mais solida alavanca de fomento nacional, pois sem duvida que ela promoverá em todo o mundo um movimento para nós favoravel de simpatia, que é sempre uma porta aberta para um desenvolvimento melhor do nosso commercio e da nossa industria com o estrangeiro. E portanto esta iniciativa, sem nenhuma duvida, merece dos Poderes do Estado, o mais carinhoso acolhimento e a mais generosa, sincera, desvelada e decidida protecção.

E' pois na qualidade de iniciador e, já agora, de executôr d'essa grande obra auxiliar do fomento nacional, que o signatario d'este requerimento e gerente tecnico e fundador da *Empresa Technica Publicitaria Film Grafica Caldevilla* tem a honra de se dirigir a Vossa Excelencia na firme convicção de que vai colher o maior aplauso e obter o maior incitamento e eficaz concurso para a realização formal e completa dos fins visados pela Sociedade que representa e que tão extrenuo e tenaz esforço, perseverante vontade e inglorio trabalho lhe tem custado já.

Auxiliado por alguns amigos seus que mais o são ainda da nossa querida Patria, organisou o exponente uma grande empresa, denominada *Empresa Technica Publicitaria Film Grafica Caldevilla* productora em Portugal, nos seus studios em construcção em Lisboa, de «films» cinematograficos genuinamente portugueses em que serão tratados com singular cuidado assuntos nacoes, documetarios e panoramicos, capazes de realizarem pela sua cuidada escolha, irreprehensivel manufactura e primorosa *mis-en-scène*, a verdadeira propaganda de Portugal em todos os paizes do mundo

Os incalculaveis beneficios que a divulgação pela imagem, dos recursos e riquezas de toda a especie em qualquer paiz, podem trazer á economia nacional. como reflexo do incremento dado ás suas forças productoras, são mais do que evidentes. E, sob o ponto de vista moral, a divulgação de toda a nossa grande obra de povo civilizado e civilizador contribuirá indefectivelmente lá fóra para se rehabilitar no conceito das gentes aquele povo que os seus irredutíveis inimigos qualificam e apodam de *barbaros do occidente*. Quem não conhece aquela frase de que a Africa começa para cá dos Pyrneos?

Não pôde, sob pena de defeção patriótica, subtrahir-se o Estado Portuguez a considerar o alcance de uma iniciativa e de uma sociedade á qual já estão vinculados, alem do melhor de algumas acrisoladas dedicacões pelo bem da Patria, os interesses inerentes a um capital já realizado que hoje ascende algumas centenas de milhares de escudos e que, dentro de pouco, atingirá alguns milhões, pois não se calcula o dinheiro que é preciso para levar a bom termo uma Empresa d'estas.

E a nenhum portuguez dotado da mais comezinha e rudimentar cultura civica, repugnará a idéa de animar, incitar, proteger sob todos os pontos de vista o desenvolvimento de uma industria que se deveria qualificar oficialmente de *benemerita*, pois que ela decerto vae concorrer com grande eficiencia para a tão desejada obra de resurgimento em que nós todos andamos empenhados, realisando a propaganda dos nossos valores e do paiz atravez d'aspectos e impressões agradaveis, até os mais reconditos cantos do mundo.

E assim é que se procede em todos os paizes cultos onde a propaganda merece a governantes e governados o mais acentuado desvelo; sendo quasi sómente pelos beneficios da publicidade que alguns paizes vivem e prosperam, taes como a Suissa, a Italia, Monaco e regiões como a Côte d'Azur em que o turismo vae ao encontro d'uma fama verdadeiramente consagrada pelo réclame inteligente.

Foi por isso que a França em 1918, não duvidou encarregar a casa Gaumont da delicada missão de valorisar em «films» o seu territorio nacional e em troca d'esse alto serviço, o governo francez d'então, isentou a referida casa de todo e qualquer imposto, favorecendo-a ainda com uma subvenção de muitos milhares de francos.

Recentemente na Alemanha, o Snr. Bratz, director da *Universum Film* conta firmemente com a mais devotada protecção material e moral do Estado e da alta finança.

Na Italia, tambem foram concedidos grandes privilegios a esta industria, organisando o seu album «filmico», album que ha annos corre nos écrans do mundo, tirando assim aquele paiz o mais eficaz partido das suas ruinas historicas, da sua pitoresca orla marinha e das suas preciosidades artisticas de que é, por assim dizer, um verdadeiro museu.



O Canadá acaba de recorrer á industria ingleza para vulgarisar em «films» as suas paisagens, as suas cidades, as suas industrias e projectal-as em todos os cines do globo.

Por seu lado os Estados Unidos da America do Norte, seguem-lhe o exemplo, estipendiando do tesouro publico directa ou indirectamente, as empresas que tomam a seu cargo esta fecundissima tarefa.

E a propria Argentina, paiz d'uma civilisação intensa, pensa realisar a mesma obra com fins imigratorios.

Pois bem! Excelentissimos Senhores, não é a concessão d'um subsidio que, como era naturalissimo, a Empreza que tenho a honra de representar, vem solicitar dos poderes do Estado, mas simplesmente—(e porque consideram a sua iniciativa e a sua obra tão digna de apreço e de protecção como as do Conselho de Turismo e da Sociedade de Propaganda de Portugal, de que ela se vae tornar um dos mais poderosos meios de acção util e efectiva não só dentro de Portugal como no Estrangeiro)—que seja considerada de utilidade publica nacional e benemerita da Patria, e assim seja insenta do pagamento de quaesquer alcavalas, contribuições ou impostos geraes, municipaes ou paroquiaes, de natureza predial, urbana ou rustica, industrial e de rendimento que por lei sejam devidos, pelos predios e terrenos onde se encontrem as suas installações e a elas referentes, bem como para os dirigentes e colaboradores de tão alevantada iniciativa.

Certamente que vos honrarei reconhecendo a justiça d'esta fundamentada exposição e bem mereceis do paiz ouvindo e perfilhando este brado patriótico em defeza de Portugal tão injustamente esquecido ou desconhecido de milhões de creaturas de todas as nacionalidades.

Espera deferimento.

RAUL DE CALDEVILLA,

## MUSEUS

### PATENTES EM LISBOA

**M**USEU DE ARTE ANTIGA, ás Janelas Verdes, aberto das 11 ás 17, ás quintas feiras, e nos outros dias das 12 ás 17, excepto aos sabados que está fechado.

**MUSEU ANTROPOLOGICO E GALERIA DE GEOLOGIA.** Academia de Sciencias, todos os dias, precedendo licença, das 10 ás 16, excepto domingos e feriados.

**MUSEU ARQUEOLOGICO,** Largo do Carmo, todos os dias, 10 ás 16, \$10 cada pessoa: bilhete de familia (cavalheiro acompanhando até 6 senhoras), \$20; crianças gratis.

**MUSEU DE ARTILHARIA,** largo do mesmo nome; está patente ao publico ás terças, quartas e domingos, das 11 ás 16. Nos outros dias, á excepção das segundas feiras, que está fechado, apenas é franqueado a estrangeiros ou pessoas munidas de autorização especial.

**MUSEU D'ARTE contemporanea.** Edificio da Bibliotheca Publica.

**MUSEU BORDALO PINHEIRO,** Parque do Campo Grande (lado oriental), aberto aos domingos. Entrada \$10.

**MUSEU DOS COCHES.** Paço de Belem, Aberto das 12 ás 16, excepto ás sextas.

**MUSEU COLONIAL E ETNOGRAFICO**—Sociedade de Geografia, domingos, 10 ás 16.

**MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUEZ,** Mosteiro dos Jeronimos, aberto ao publico todos os dias, inclusivé domingos, só se exceptuando as segundas-feiras e os dias de gala.

**MUSEU DE HISTORIA NATURAL,** Escola Politecnica, quintas feiras, 10 ás 16, outros dias, licença especial.

**MUSEU DE HIGIENE,** rua da Cruz de Santa Apollonia, 25, quintas feiras, 12 ás 16.

**MUSEU NUMISMATICO,** Bibliotheca Publica, todos os dias uteis, 12 ás 16.

**MUSEU TIFLOGICO E BIBLIOTECA BRAILLE,** para uso dos cegos, T. do Fala Só, 16, dias uteis, das 11 ás 15, com autorização do fundador, Branco Rodrigues.

**MUSEU DA SOCIEDADE PROTECTORA DOS ANIMAIS,** rua de S. Paulo, 55, 2.º Aberto nos dias uteis, das 11 ás 15. Instrumentos de tortura barbaramente empregados contra os animais domesticos.

**MUSEU PEDAGOGICO.** Poço Novo, 1, Escola Rodrigues Sampaio, todas as férias, nos meses de agosto e setembro. Nos outros meses, com licença do director.

**MUSEU DO TESOIRO DA CAPELA DE S. JOÃO BAPTISTA,** na Misericórdia—ultimos domingos de cada mez, 12 ás 15,30; outros dias, licença especial.

**MUSEU DE S. NICOLAU,** aos domingos, das 13 ás 15, e em todos os outros dias das 10 ás 14, mediante licença especial Entradas gratuitas.

Todo aquele que se interessar pela manutenção da «REVISTA DE TURISMO», deve dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e fazendo-lhe communicações que interessem ao seu fim especial.

Composto e impresso no CENTRO TIPOGRAPHICO COLONIAL—Largo Raphael Bordalo Pinheiro, 27—(Antigo Largo d'Abegoria)